

REFLEXÃO DA COMEMORAÇÃO “Chega de desculpas”, diz líder indígena formado em direito

Índios planejam marcha a Brasília

Moacyr Lopes Jr. 26.abr.2000/Folha Imagem

THOMAS TRAUMANN
enviado especial a Brasília

Após os tumultos dos festejos dos 500 anos da chegada portuguesa ao Brasil, os índios planejam uma marcha a Brasília para pressionar o Congresso a aprovar o novo estatuto que rege seus povos. As comemorações transcorreram em clima de quase guerra.



O primeiro sinal ocorreu quando um índio discutiu e quase agrediu o presidente do Congresso Antonio Carlos Magalhães. No aniversário do Descobrimento, manifestantes indígenas enfrentaram e apanharam da polícia baiana. Outro grupo invadiu a celebração dos 500 anos da Evangelização. “Chega de pedidos de desculpas. Se a sociedade quer acertar as suas contas com os índios, há muito o que fazer”, disse à **Folha** o advogado Paulo Pankararu, 29, representante da nova geração de líderes indígenas.

Existem no Brasil 350 mil índios de 227 etnias que falam 175 línguas diferentes. Quase a metade tem tido um contato tão estreito e prolongado com os descendentes dos colonizadores que chega a ser surpreendente que ainda se identifiquem como indígenas.

Poucas representam tão bem esse processo de aculturação quanto os pancararus. Os quase 4.000 integrantes da tribo se comunicam em português. Parte do seu território foi tomado por migrantes que acompanham as obras da barragem de Itaipiraca. Nos anos 80 e 90, pressionados pela miséria e a falta de espaço, cerca de 1.500 pancararus tentaram a sorte em São Paulo. Perderam. Vivem tão miseráveis quanto no sertão.

Apesar disso, Pankararu afirma que os 500 anos de descobrimento “não é uma data para ficar lamentando”. A seguir os principais trechos da entrevista:

★
Folha - Qual é a sua avaliação do conflito em Porto Seguro?
Paulo Pankararu - O que fize-



Índios pataxós assistem à missa dos 500 anos de evangelização

ram foi criminoso. Nossa manifestação era pacífica. Fomos tratados a cassetete e bomba como se nós fôssemos os invasores desta terra. E não estou vendo no governo vontade de punir os responsáveis.

Folha - Qual a consequência da repressão policial no diálogo dos índios com o governo?

Pankararu - O que era pouco se acabou. Com o Marés (Carlos Frederico Marés, ex-presidente da Funai) tínhamos um canal de comunicação. Mas com a saída dele e o estilo do ministro José Gregori (Justiça) já deu para notar que o governo não tem muito interesse em falar com a gente.

Folha - O movimento indígena está em pé de guerra?

Pankararu - Sim, vamos continuar lutando. Nosso próximo passo é uma marcha a Brasília para pressionar o Congresso que ainda não votou o projeto do Es-

tatuto das Sociedade Indígenas.

Aliás, um dos pontos polêmicos desse projeto é a exploração econômica dentro das reservas. Muitos reclamam que alguns povos indígenas se envolvem na exploração ilegal de madeira, mas não discutem como os índios podem conseguir desenvolver as suas aldeias, ter uma vida melhor.

Queremos também uma audiência com o presidente Fernando Henrique Cardoso.

Folha - O que vocês esperam do presidente?

Pankararu - Vou dizer o que a gente não espera: é um pedido de desculpas. Chega de desculpas.

Folha - Na missa em Porto Seguro, a igreja pediu desculpas.

Pankararu - Virou moda dizer “sinto muito”. O governo, a Igreja, a sociedade querem acertar suas contas com os índios? Então é hora de demarcar as terras indígenas, aprovar o novo estatuto,

reformular a Funai e dar condições para os índios terem uma vida digna. Há muito o que fazer além de pedir desculpas.

Folha - Os índios estão mais agressivos?

Pankararu - Também fazemos parte desse país como os outros brasileiros. Temos direito de defender nossos direitos. Não queremos confronto, queremos solução. O nosso grande problema é a posse da terra. Há invasões e ocupações de não-índios em boa parte delas. Pelas nossas avaliações, com R\$130 milhões se resolve as indenizações para os não-índios e as demarcações das reservas. Em se tratando de Orçamento da União não é tanto dinheiro assim.

Folha - Não é irônico que a maior reivindicação indígena seja comprar de volta terras que estão demarcadas como suas?

Pankararu - Mas é assim mesmo. Recentemente trabalhei como advogado da reserva São Marcos, em Roraima. Parte da área seria usada para passar fios de eletricidade e como indenização a aldeia recebeu R\$ 4 milhões. Eles pegaram o dinheiro e usaram para indenizar as famílias de não-índios que ocupavam parte da reserva.

Folha - Por que o sr. decidiu ser advogado?

Pankararu - Para usar a lei a favor dos indígenas.

Folha - A lei desfavorece os índios?

Pankararu - O caso do meu povo é típico. A nossa terra foi invadida com apoio do Estado. Os pancararus moram há séculos no baixo São Francisco, entre Pernambuco, Bahia e Alagoas. Por terem batalhado ao lado do Exército brasileiro na Guerra do Paraguai, os pancararus receberam de Dom Pedro 2º a posse de 14.400 hectares. Mas em 1942, o Serviço de Proteção ao Índio (órgão federal anterior à Funai) reduziu essa área para 8.100 hectares.

Folha - Por quê?

Pankararu - Para construir a barragem de Itaipiraca, a Chesf (Companhia Hidro Elétrica do São Francisco) reduziu as terras indígenas e levou não-índios para a região.